

Mário Soares e a nostalgia dos cravos

14 MAR 1996

O GLOBO

JOSÉ SARNEY

Portugal viveu os dias turbulentos da Revolução dos Cravos, o chamado 25 de Abril, hoje uma data na História do país. Com a queda do salazarismo emergiram os líderes da clandestinidade, Mário Soares, Cunhal, Sá Carneiro (que morreu num desastre aéreo). Sumiram os que esperavam a sucessão, como Marcelo Caetano, vacilante e sem entender o momento histórico. Apareceram os novos Eanes e o gonçalvismo e os capitães alucinados da primeira hora.

Quando tudo era desordem, e Alçada Baptista me dizia que Portugal tinha tomado férias, surge a figura extraordinária de Mário Soares, com a respeitabilidade de uma vida de cárceres, idéias e convicções, enfrenta e evita que o país caia na órbita do mundo comunista, defendendo o socialismo com liberdade e a manutenção de Portugal dentro da Otan, ao lado do mundo ocidental. Essa decisão de coragem e bravura não pode ser medida com o tempo, mas naquela época as contestações à sua liderança e às suas posições quase lhe roubaram o futuro político. Soares sempre soube buscar apoio na direita e na esquerda. Sempre que os interesses nacionais exigiam. Os portugueses o entendiam.

O jovem revolucionário, o contestador sem tréguas de Salazar, o defensor da liberdade, mantinha sua coerência. Ele tinha a noção de que, para matar a ditadura, não se pode pagar o preço da liberdade. E, ao enfrentar os demoníacos capitães exaltados do 25 de Abril, a lutar contra o terror e contra a fragmentação da sociedade lusitana. Um país pequeno não pode ter fraturas.

Depois de tantas lutas surge Mário Soares, primeiro-ministro, chefe de governo, enfrentando imensas dificuldades. Muitos o acusaram de não ser vocacionado para as funções executivas. O Governo com minorias parlamentares não lhe foi fácil. O futuro lhe guardava a oportunidade de exercer em toda sua plenitude o seu talento de estadista, quando chega à Presidência.

Então o aprendizado de longa vida de político, da clandestinidade às decisões do Estado, das idéias à ação, lhe assegura ser o presidente de todos os por-

tugueses. Encontra uma nação dividida e pouco a pouco vai unificando-a, costurando um Portugal moderno, que entra na Comunidade Européia mas nela ingressa com a força de uma grande liderança.

Há países grandes que têm presidentes pequenos, menores que o cargo. Há países pequenos que têm homens maiores que eles, que o fazem visível e sabem conduzi-lo à igualdade entre as nações, conceito que está na Carta das Nações Unidas mas que na verdade jamais é praticado.

A presença de Mário Soares no Governo português, no instante difícil de sua opção européia, deu ao país uma dimensão, um respeito e uma projeção extraordinários. Ele foi o peregrino que viajou por todos os lugares do globo, compareceu a todos os grandes debates e problemas do mundo, sem deixar nenhum espaço vazio.

Internamente o povo português foi reconhecendo o quanto a História o preparava para a tarefa de presidir o país. Não sendo chefe de governo, fez a presença ao seu estilo, dando-lhe a dimensão de magistrado, de conselheiro e de consultor nos assuntos nacionais que a Constituição lhe assegurava. Dois mandatos fizeram o estilo Mário Soares. Seriedade e equilíbrio, prudência, capacidade e virtudes de grande estadista. Sua figura extrapola seu país para ser um homem da Europa e do mundo, mas é um europeu que sabe que a importância de Portugal repousa em sua visão atlântica. Foram os mares e não suas terras que fizeram Portugal e a língua portuguesa.

As relações Brasil-Portugal sempre se revestiram de uma carga sentimental que nunca esteve apoiada em expressivos interesses econômicos. A retórica serviu a esse momento e o fez muito bem, mas agora temos que construir uma agenda positiva para o futuro. O Brasil será em breve um dos países a exercer uma parcela do poder mundial. Estão chegando os tempos da América do Sul e somos a metade dela, com população que vai chegar em breve aos 200 milhões de habitantes. População e território asseguram que vamos ter um grande destino. E esse destino

tem que manter os laços profundos com Portugal e jogá-lo com ele.

Mário Soares foi o político português que melhor compreendeu o Brasil, que sabe o que ele significa, que sabe que ele e Portugal, unidos pela História, não podem marchar com setas desencontradas.

A rica biografia de Mário Soares, unanimidade portuguesa e mundial, é uma garantia. Ele deixa o poder mas permanece sua autoridade, sua grande figura de estadista, zelando e ajudando sua pátria. Os problemas são grandes, maiores as dificuldades num mercado competitivo, como é o europeu. E Portugal, sem a dimensão de competir e ainda carregando o atraso da longa ditadura retrógrada e que não formou quadros nem recursos humanos na quantidade que o futuro necessitava.

Os problemas institucionais ainda existem. As instituições moldadas são novas e estão em fase de acomodação e vivência.

A mudança de governo é sempre um tempo de esperança. Todos falam em bons dias. O ministro Antônio Guterres é citado como exemplo de competência, equilíbrio e dignidade. O presidente Jorge Sampaio vem das forjas da luta dos direitos humanos e das lutas pela liberdade.

O velho Cunhal ainda anda com uma braçada de cravos vermelhos distribuindo-os na santa alucinação de seu sebastianismo soviético.

Mário Soares caminha para descansar no Algarve, mas todos sabem que homem como ele não recua no serviço da pátria. Ele ficará sempre com a nostalgia dos cravos da Revolução e a realidade de continuar a ajudar a construção pedra a pedra de um novo Portugal, que não tem mais as caravelas das Índias, nem o ouro do Brasil, mas tem a força do povo português, esse sangue de navegadores, sempre prontos a vencer tempestades e sempre buscando sonhos. O Brasil sonhará junto com ele e poderá contá-lo na mesma língua, com as mesmas palavras que expressam os mesmos sentimentos.

JOSÉ SARNEY é presidente do Senado.

Há países
pequenos que
têm homens
maiores
que eles
